

LUKÁCS: MÉTODO E ONTOLOGIA¹

- Notas de Leitura do capítulo «O Trabalho» -

Sergio Lessa - Professor do Departamento de Filosofia da UFAL, doutor em Ciências Sociais pela UNICAMP.

Um dos aspectos mais originais da Ontologia de Lukács está na peculiar relação que estabelece entre método e ontologia. Todavia, este é, também, um dos seus aspectos menos explorados. Normalmente, ao se discutir o método em Lukács, se recorre à História e Consciência de Classe muito mais que aos seus últimos escritos.

As dificuldades do tema, contudo, são proporcionais à sua importância. Ainda que inúmeras referências sejam feitas ao longo de Per una Ontologia dell' Essere Sociale², na enorme maioria das vezes explicitando aspectos do procedimento metodológico de Marx ou então criticando a postura hegeliana, Lukács não nos deixou nenhuma discussão exaustiva sobre o tema. Este fato nos obriga, preliminarmente, a um esforço de sistematização das diferentes passagens nas quais o filósofo húngaro aborda a problemática do método. Sendo assim, longe de solucionar as dificuldades, pretendemos, neste artigo, organizar coerentemente as passagens acerca da relação entre método e ontologia que encontramos fundamentalmente (ainda que de modo não exclusivo) no capítulo central de sua Ontologia, «O Trabalho».

I

«Para expor em termos ontológicos as categorias específicas do ser social, o seu desenvolvimento a partir das formas precedentes de ser, a sua ligação com estas, é necessário começar com a análise do trabalho.»(11)

¹ Publicado em Cadernos de Serviço Social, Depat. Serviço Social, UFPE, Recife, V. 11, pp. 132-153, 1995.

² - Lukács, G. Per una Ontologia dell' Essere Sociale, Ed. Riuniti, Roma, 1976-81. O capítulo dedicado ao trabalho está no vol II*, pgs 7 a 133. Dada à quantidade de citações deste texto, a indicação da página será feita entre parênteses ao longo do artigo. Caso a citação se referira a um outro capítulo da Ontologia de Lukács, além no número da página será fornecido também a numeração do volume e tomo.

Com estas palavras Lukács inicia o capítulo «O Trabalho», imediatamente remetendo o leitor a duas questões:

- 1) o que é uma exposição «em termos ontológicos»?;
- 2) que tipo de «análise» Lukács tem em mente?

Antes de respondermos a estas questões, devemos chamar atenção a um aparente paradoxo. Uma abordagem que se propõe *ontológica* parte de questões *metodológicas*; um capítulo dedicado à análise da categoria do trabalho enquanto tal tem início por um argumento de caráter essencialmente metodológico. Este início poderia sugerir, a um leitor apressado, uma prioridade da esfera metodológica sobre a ontologia -- justamente o oposto do que postulam os textos da maturidade de Lukács. Por outro lado, é da máxima importância o fato de Lukács iniciar, com uma referência direta à questão do método, o capítulo conceitualmente decisivo da sua Ontologia. Tal fato corresponde a uma característica marcante no último Lukács, que é o seu esforço para delimitar seus pressupostos metodológicos principalmente frente ao neo-positivismo, ao materialismo vulgar e ao idealismo hegeliano -- não raramente, repetimos, sob a forma de discussão dos pressupostos de Marx.

Isto posto, a questão central que abordaremos neste artigo pode ser assim condensada: qual a relação entre método e ontologia no último Lukács que torna plausível uma investigação ontológica se iniciar por uma discussão metodológica?

1- Prioridade da totalidade e abordagem genética

Imediatamente na seqüência da frase acima citada, há uma passagem onde encontramos dois elementos centrais na argumentação lukácsiana a respeito do método. O primeiro é exposto nas seguintes palavras:

«Naturalmente não devemos esquecer que todo grau de ser, no seu todo e nos detalhes, tem caráter de complexo, o que quer dizer que as suas categorias, mesmo as mais centrais e determinantes, podem ser compreendidas adequadamente apenas do interior e a partir da totalidade complexa (*Gesamtbeschaffenheit*) do nível de ser do qual se trata.»(11)

O primeiro dos elementos é de caráter imediatamente ontológico: o ser é uma totalidade complexa. As principais decorrências desta afirmação lukácsiana não poderão sequer superficialmente ser exploradas neste artigo. Agora, o que nos interessa é o fato de o primeiro elemento que Lukács reclama como apoio para expor o seu procedimento metodológico na investigação da categoria do trabalho ser uma afirmação ontológica a mais universal: dado o caráter de complexo do ser, a totalidade complexa é o solo exclusivo («apenas») a partir do qual, e no qual, as categorias «podem ser compreendidas adequadamente». No mesmo sentido, Lukács afirmará mais a frente: «/.../ o contexto total do complexo em questão é sempre primário em relação aos seus próprios elementos».(57)

A prioridade metodológica da categoria da totalidade é, portanto, ontologicamente fundada. Um argumento ontológico -- o ser consubstancia uma totalidade complexa -- é o fundamento último de seu argumento metodológico : «apenas no interior e a partir da totalidade complexa» «as categorias /.../ podem ser compreendidas adequadamente.»

Não seria aqui o local para a discussão, por mais decisiva, da categoria da substância em Lukács. Imprescindível, apenas, é apontar que esta totalidade é complexa, para Lukács, porque histórica³. Sua explicitação categorial se dá no sentido da gênese e desenvolvimento de categorias mediadoras que tornam cada vez mais heterogênea a estrutura originária do ser, às vezes por meio de rupturas ontológicas. (Pensamos nas passagens do ser inorgânico à vida e, posteriormente, na gênese do ser social). Esta crescente diferenciação ontológica tem como contrapartida o fato de os elementos de continuidade nela operantes consubstanciarem uma insuperável unitariedade última do ser. Tais complexos e categorias que encarnam os elos de continuidade conectam em uma única processualidade os momentos iniciais, ontologicamente mais homogêneos e menos complexos, àqueles momentos subseqüentes, de maior complexidade e heterogeneidade.

Portanto, em Lukács, a unitariedade ontológica do ser, pressuposta na noção de totalidade, não apenas não se contrapõe ao devir, como ainda é *essenci almente histórica*. A sua concreção, a cada momento, assume forma e conteúdo distintos,

³ - «Quando se diz que a objetividade é uma propriedade primário-ontológica de todo existente, se afirma por conseqüência que o ser-assim originário é sempre uma totalidade *di nâmi ca*, uma unidade de complexidade e processualidade.» Vol. I, pg. 284 (grifo nosso).

formas e conteúdos determinados tanto pelo desenvolvimento das categorias e complexos já existentes, como pela gênese de novas categorias e relações categoriais.

Precisamente neste sentido, no capítulo dedicado a Marx de sua Ontologia, Lukács afirma que a substancialidade

«não é uma relação estático-estacionária de autoconservação que se contrapõe em termos rígidos e exclusivos ao processo do devir, ela, pelo contrário, se conserva na sua essência, mas processualmente, transformando-se no processo, renovando-se, participando do processo. /.../ o processo histórico reproduz ininterruptamente na mudança tanto a mudança quanto a persistência.»(vol. I, pg. 394)

Em suma: 1) a explicitação categorial do ser se concretiza ao longo do tempo através de um processo de desenvolvimento que aumenta e intensifica os momentos de heterogeneidade («transformando-se no processo, renovando-se, participando do processo»);

2) a continuidade se afirma ontologicamente através de crescente mediações e mudanças («o processo histórico reproduz ininterruptamente na mudança tanto a mudança quanto a persistência»);

3) a crescente complexificação da substancialidade aumenta e intensifica as mediações que, por um lado, articulam em uma unitariedade última, e, por outro, possibilitam a gênese e o desenvolvimento de categorias e complexos crescentemente diferenciados (tanto internamente como entre si), categorias e complexos estes que elevam a um patamar superior a unitariedade primária do ser («não é uma relação estático-estacionária de autoconservação que se contrapõe em termos rígidos e exclusivos ao processo do devir»).

Dessa moldura ontológica decorrem, para Lukács, dois elementos fundamentais e intimamente articulados à sua reflexão acerca do método. Em primeiro lugar, a importância fundamental da *abordagem genética*; em segundo lugar, a crítica radical das posturas que deduzem o real a partir de conceitos teórico-sistemáticos.

1.1 A Abordagem Genética

Se o caráter de totalidade complexa do ser impõe a prioridade metodológica da categoria da totalidade, sua historicidade igualmente impõe a exigência da abordagem genética. A todo momento, Lukács move-se no sentido de

«elucidar a estrutura originária que representa o ponto de partida para as formas subseqüentes, o seu fundamento insuprimível, mas ao mesmo tempo tornar visíveis também as diferenças qualitativas que no curso de desenvolvimento social posterior acompanham com espontânea inevitabilidade e necessariamente modificam de maneira decisiva, até em relação a determinações importantes, a estrutura originária do fenômeno.»(111-2)

Sucintamente, a abordagem genética significa «elucidar» o «fundamento insuprimível», «a estrutura originária», das «formas subseqüentes» de modo a, concomitantemente, desvendar as diferenciações qualitativas, no plano do ser, que operam no seu desdobramento processual. Não sendo a essência a-histórica (lembramos que ela «processualmente» «se /.../(transforma) no processo, renovando-se, participando do processo») sua captura pela subjetividade nada mais é senão a captura de um processo histórico. Por isso é central «elucidar» a sua «estrutura originária» assim como as diferenciações que ao longo do processo operam mesmo no seu nóculo mais essencial. É fascinante acompanhar como, ao longo de toda a análise do trabalho, a abordagem genética é procedimento privilegiado por Lukács na conquista dos elementos ontológicos centrais de sua argumentação.

A *abordagem genética* lukácsiana é o exato contraponto às metodologias que propõem a «construção do real» a partir de conceitos teóricos *a priori*. Nos referimos aqui a um amplo leque que se estende desde o neo-positivismo mais radical, com sua matematização do real, ao idealismo de corte hegeliano, passando pelo marxismo vulgar e por autores como Althusser, Bourdieu e Passeron.

Em que pesem as significativas diferenças entre estas correntes teóricas, diferenças estas que não desejamos velar de modo algum, não menos verdadeiro é que, no geral, estas diferenças não esmaecem o fato de que, em todas elas, o ponto de partida metodológico é uma dedução do real a partir de conceitos teóricos abstratamente construídos.⁴

⁴ - Sendo o mais breve possível, o neo-positivismo extrema a matematização da realidade até que as relações matemáticas passem a ser o próprio real, ou em

A abordagem genética implica na recusa de

«toda 'dedução lógica' da estrutura, do ordenamento das categorias /.../ partindo do seu conceito geral considerado em abstrato. Deste modo, de fato, nexos e caracteres, cuja especificidade é fundada ontologicamente, realmente, na sua gênese histórico-social, aparecem, ao invés, como pertencentes a uma hierarquia conceitual-sistemática, através da qual, dada a discrepância entre o ser autêntico e o suposto conceito determinante, a sua essência concreta e a sua interação concreta terminam falsificadas.»(90)

Com tal dedução lógica,

«por um lado se tem uma falsa homogeneização, freqüentemente fetichizante, dos complexos de ser heterogêneos; por outro, /.../ as formas mais complicadas são usadas como modelo para aquelas mais simples, com o que terminam metodologicamente impossíveis tanto a compreensão da gênese das primeiras, como a análise correta do valor das segundas.»(112)

Por isso

«Não podemos /.../[,] por meio de deduções conceituais[,] derivar as novas formas (de ser) daquelas originárias, as formas complexas das simples. Não apenas o seu respectivo modo concreto de apresentação é submetido a condicionamentos históricos, como também as suas formas gerais e a sua essência são articuladas a estágios determinados do desenvolvimento da sociedade. Por isso, enquanto não tivermos conhecimento da sua legalidade, ao menos nos seus traços mais gerais, /.../ não poderemos afirmar nada de concreto sobre o seu caráter, sobre o nexos e o contraste entre os estágios singulares, sobre a contraditoriedade interna dos complexos singulares, etc.»(124-5)

Ao mesmo tempo Lukács recusa

«a ontologia materialista vulgar que entende as categorias mais complexas como simples produtos mecânicos daqueles

outras palavras, o real passe a ser *expressão* das relações matemáticas; o idealismo de corte hegeliano -- com forte influência (a história tem suas ironias) sobre o marxismo vulgar -- pressupõe uma trajetória histórica já inscrita no seu início, enquadrando o movimento ontológico em uma estrutura teórica abstratamente deduzida e determinada; Bourdieu e Passeron, em sua conhecida análise acerca da reprodução social, partem de um conceito *a priori* (o arbitrário cultural e a violência simbólica) para a construção do seu objeto de estudo (a reprodução social) e, por fim, Althusser, pressupõe o objeto do conhecimento como um construto da subjetividade.

elementares, fundantes, o que por um lado impede por si próprio toda a compreensão da especificidade das primeiras, por outro lado cria entre as primeiras e as segundas uma falsa hierarquia, que se pretende ontológica, segundo a qual somente às categorias elementares pode ser atribuído um ser em sentido próprio.»(90)

Com isto se evidencia que, se o fato do ser consubstanciar uma totalidade complexa implica na prioridade metodológica da totalidade e nas «idas e vindas» na construção do conhecimento; o fato desta totalidade ser histórica funda a exigência da *abordagem genética*. Isto já está indicado, com todas as letras, ao Lukács fazer referência ao «desenvolvimento (das categorias específicas do ser social) das formas precedentes de ser». Ao final da página, ainda no primeiro parágrafo, ele acrescenta:

«Nesta direção, uma certa contribuição metodológica nos vem dos movimentos evolutivos /.../ das diversas esferas do ser.» (11-12)

O fato que do ser inorgânico surgiu a vida, e desta o ser social; o fato destas transições terem operado saltos ontológicos pelos quais a esfera superior rompe com as determinações ontológicas da esfera de ser precedente, abrindo caminho para se constituir enquanto legalidade ontologicamente distinta da inferior sem deixar de ter como base para a sua reprodução as processualidades mais primitivas -- estes fatos, segundo Lukács, fundam ontologicamente a exigência da abordagem genética no plano do método.

«Com esta visão ontológica basilar -- continua Lukács -- são também dados o sentido e o método com os quais se mover para entender, no interior de uma esfera do ser, o desenvolvimento genético das categorias superiores (mais complexas, posteriormente mediadas), /.../ daquelas mais simples, fundantes.»(90)

A reconstrução puramente lógico-conceitual de processualidades iminentemente ontológicas, tal como ocorre com o neo-positivismo, com o hegelianismo, com o marxismo vulgar, etc.,

«conduz porém[,] também[,] a outras confusões filosóficas. O método orientado em sentido gnosiológico leva, -- tanto mais quanto mais se encontra sob a influência de Kant -- por força das coisas a misturar incorretamente os âmbitos problemáticos do ser e do valor.»(171)

Continua Lukács:

«Podemos certamente interpretar estes processos (de explicitação categorial do ser) em sentido valorativo. Mas evidencia-se rapidamente que o ponto de vista da valoração não surge neste caso da essência da coisa, que ao contrário ele é arbitrariamente escolhido, de modo puramente ideal, e aplicado do exterior sobre uma matéria heterogênea /.../»(168)

Passa-se então a operar uma homogeneização lógico-abstrata desta matéria ontologicamente heterogênea, deformando sua representação de modo a encaixá-la em um sistema logicamente deduzido mais ou menos rigoroso, conforme o caso. Todavia, sempre, o que temos nestes casos são deformações de nódulos centrais do ser-precisamente-assim existente.

«Quando, pelo contrário, estes processos são abordados como fatos apenas ontológicos, isto é, como tendências evolutivas internas de um tipo de ser, é possível avizinhar-se notavelmente no reflexo intelectual ao ser-precisamente-assim do ser social.»(168)

Vale assinalar, para evitar confusões que a brevidade de um artigo pode favorecer, que Lukács não se opõe, muito pelo contrário, à hierarquização das categorias e seu arranjo sistemático. Para ele, a explicitação categorial do ser desdobra hierarquias e estruturas que podem ser captadas pela subjetividade sob a forma de «sistemas» hierarquizados. Todavia, neste caso, a verdade do real é a verdade do sistema, e não vice-versa. O real não passa a ser portador de uma univocidade interna e logicamente dada a partir dos pressupostos lógicos do sistema, mas portador de uma unitariedade complexa ontologicamente determinada, que lhe é imanente. A historicidade primária do ser, em Lukács, passa a ser uma das pedras de toque do «sistema», e não o oposto.

Lukács, portanto, rejeita *in limine* a ingenuidade empiriscista que toma o real apenas e tão somente como infinitos eventos singulares. Como teremos oportunidade de argumentar mais adiante, para ele singularidade, universalidade e particularidade são dimensões genéricas igualmente existentes, com estatutos ontológicos absolutamente equivalentes. As diferenças que se interpõem entre estes três momentos de generalidade decorrem do processo de concreção que se desdobra na processualidade concreta, e não de determinações lógico-abstratas dadas *a priori*.

Com isto, no entanto, estamos resvalando para questões que demandam um tratamento mais circunstanciado, incabível neste artigo. Concluiremos este primeiro

passo, por isso, apenas sublinhando que, para Lukács, o caráter de totalidade complexa do ser impõe metodologicamente a prioridade da categoria da totalidade.⁵ Sua historicidade requer a abordagem genética. Fixemos este ponto: os requisitos metodológicos fundamentais de Lukács decorrem de suas categorias ontológicas centrais.

2 - O percurso de «ida e volta»

O terceiro dos elementos decisivos de sua concepção ontológica é assim exposto por Lukács, ainda na seqüência do primeiro parágrafo do capítulo «O trabalho»:

«Para deslindar a questão devemos nos referir novamente ao método das duas vias de Marx, já por nós analisado: primeiro, decompor analítico-abstratamente o novo complexo de ser para poder, com o fundamento assim obtido, retornar (ou seja, avançar até) ao complexo do ser social, não só enquanto dado e portanto simplesmente representado, mas agora também concebido na sua totalidade real.»(11)

Ao contrário dos anteriores, este argumento é imediatamente metodológico: decompor de forma analítico-abstrata a representação do complexo de ser e, com base nos elementos assim obtidos, avançar até o «complexo do ser social» concebido na sua «totalidade real» (*realen Totalität*): o método de Marx das «duas vias».

Parte-se do complexo «dado», «simplesmente representado»:

«Quer tomemos a própria realidade imediatamente dada, ou mesmo seus complexos parciais, o conhecimento imediatamente direto da realidade imediatamente dada resulta sempre em meras representações. Estas, por isso, devem ser melhor determinadas com a ajuda de abstrações isoladoras.»(vol. I, pg. 285)

⁵ - Comentando os procedimentos metodológicos de Marx na Introdução de 1857, Lukács aponta que "/.../ é a própria essência da totalidade econômica que prescreve o caminho a seguir para conhecê-la. Este caminho justo, contudo, se não se tem constantemente presente a dependência real ao ser, pode levar a ilusões idealistas; de fato, é o próprio processo cognitivo que -- se considerado no seu isoladamente e com algo autônomo -- contém em si a tendência a autofalsificação." Vol. I, pg. 285.

Através destas «abstrações isoladoras» efetua-se a decomposição analítico-abstrata e, com base nos elementos alcançados, se «avança» ao complexo precisamente-assim-existente, agora «concebido na sua totalidade real»(11), enquanto uma «totalidade rica, feita de muitas determinações e relações.»⁶

Em se tratando especificamente da gênese do ser social a partir do ser orgânico, Lukács lembra a impossibilidade ontológica, dada a «total irreversibilidade associada ao caráter histórico do ser social»(12), de se reconstruir o salto que marcou a passagem para o mundo dos homens. E continua:

«O máximo que pode ser obtido é um conhecimento *post festum* /.../ pelo qual um estágio mais primitivo pode ser reconstruído -- no pensamento -- a partir daquele superior, da sua direção evolutiva, das suas tendências de desenvolvimento. A aproximação máxima temos, por exemplo, nas escavações, que iluminam suas várias etapas intermediárias do ponto de vista anatômico-fisiológico e social (armas, etc.). O salto, no entanto, permanece um salto e em última análise pode ser esclarecido conceitualmente apenas com o experimento ideal ao qual nos referimos.»(12-13)

O conhecimento, portanto, apresenta duas características básicas. Por um lado, possui um caráter de aproximação. O pensado e o real, o sujeito e o objeto, se constituem em dois pólos inelimináveis desta processualidade. Nada, portanto, de identidade sujeito-objeto⁷. Todavia, isto não significa a incognoscibilidade da coisa-em-si: o caráter de aproximação é efetivo, e se refere ao realmente-existente. Lukács aqui persegue um tertium datur frente ao idealismo hegeliano e ao materialismo vulgar.

Em segundo lugar que, *em se tratando do ser social*, o conhecimento se dá sempre post festum, a partir da reconstrução «no pensamento» dos estágios passados da processualidade de explicitação categorial do mundo dos homens. E, novamente, isto ocorre não devido a nenhuma preferência teórica do autor húngaro, mas porque, no ser social, a irreversibilidade dos processos é um dado ontológico. Ao contrário

⁶ - Marx, K. Grundrisse. *Apud* Lukács, op. cit. vol I, pg 285.

⁷ - "/.../ o essencial, desse ponto de vista metodológico, continua a ser a exata separação entre a realidade existente em si como processo e os modos do seu conhecimento. A ilusão idealista de Hegel surge precisamente porque o processo ontológico do ser e da gênese é aproximado em demasia do processo, necessário do ponto de vista cognitivo, da concepção; aliás este último chega mesmo a ser entendido como um substituto, até mesmo como uma forma ontologicamente superior ao primeiro."(vol I., pg 267)

da esfera natural, onde é possível reproduzir experimentalmente fatos passados; os fatos sociais, por essência, não podem ser submetidos a estas experiências. Analogamente, experimentos característicos das ciências da natureza não servem para o conhecimento do mundo dos homens.

Fixemos estes aspectos, pois é decisivo para Lukács: tanto a abordagem genética quanto o percurso de ida e volta são decorrências dos princípios basilares de sua ontologia, quais sejam, a historicidade do ser e seu caráter de totalidade complexa. A abordagem genética permite captar o processo de gênese e desenvolvimento do ente em questão, esclarecendo os momentos predominantes de sua processualidade, seus elementos de ruptura e de continuidade, delimitando, desta forma, a essência do setor da realidade em questão.

O percurso de ida e volta, ao articular universalidade e singularidade na consciência, é o reflexo, no plano do método, do fato de todos os entes apenas existirem enquanto partícipes de uma totalidade. Em outras palavras, é reflexo do fato da concretude de todo o existente ser portadora de determinações universais (pelas quais o ente se conecta com a totalidade) e de determinações singulares (pelas quais o ente é único, se distingue de todo o existente). São essas determinações ontológicas as mais gerais que impõem a necessidade metodológica da abordagem genética e do percurso de ida e volta.

Conclusão

Isto nos permite divisar, ainda que difusamente, o que particulariza o procedimento metodológico de Lukács: tem na ontologia seu fundamento último. O solo resolutivo, no plano da teoria, é a totalidade real (*realen Totalität*) -- e isto porque o ser tem caráter de totalidade complexa. O ser, enquanto objeto, *impõe* procedimentos para o desvelamento de seus nexos. O caráter de totalidade complexa do ser *impõe* a prioridade metodológica da categoria da totalidade.

«Do ponto de vista metodológico é necessário observar deste o início que Marx sempre separa nitidamente dois complexos: o ser social, que existe independente do fato que seja conhecido mais ou menos corretamente, e o método para captá-lo idealmente de modo o mais adequado possível. A prioridade do ontológico em relação ao mero conhecimento não diz respeito somente ao ser em geral, mas toda objetividade é na sua estrutura e dinâmica concreta, no seu ser-precisamente-assim, da máxima importância do ponto de vista ontológico.»(vol. I, pg. 283)

Para que a subjetividade possa colher as determinações do real sob a forma de teoria, é necessário, que ultrapasse a imediatividade das representações meramente dadas e que, por meio de «abstrações isoladoras» decomponha analiticamente o real, generalize os elementos assim obtidos de modo que

«as determinações abstratas /.../ (conduzam) à reprodução do concreto por meio do pensamento. /.../ o método de partir do abstrato ao concreto é apenas o modo como o pensamento se apropria do concreto, o reproduz como algo espiritualmente concreto. Mas este não é de modo algum o processo de formação do próprio concreto.»(Marx, Grundrisse, após Lukács, Vol. I, pg. 285-6)

Este procedimento analítico-abstrato tem o seu complemento necessário na prioridade da totalidade e na abordagem genética. O caminho «de volta» «pressupõe uma cooperação permanente entre o procedimento histórico (genético) e o procedimento abstrato-sistematizante, que elucida as leis e as tendências.»(vol. I, pg. 286)

No contexto da ontologia lukácsiana, tanto a afirmação da prioridade da totalidade como das determinações genéticas trazem embutidas a necessidade de uma permanente crítica ontológica ao processo de conhecimento, crítica esta que é o único procedimento capaz de manter a totalidade real (*realen Totalität*) como o referencial do conhecimento.⁸

Não há pois, em Lukács, um abismo entre método e ontologia. Os procedimentos metodológicos, tendo em vista orientar a postura do sujeito cognoscente frente ao desconhecido, se apoiam na sistematização das determinações ontológicas mais gerais alcançadas a cada momento histórico. O conhecimento já adquirido do ser em geral é o fundamento das indicações metodológicas para o mergulho no desconhecido. A crítica ontológica das ciências, neste horizonte, deve se apoiar na evolução do conhecimento científico e, ao mesmo tempo, fornecer indicações para o desenvolvimento futuro de cada uma delas. Este «fornecer orientações», todavia, nada tem de neutro: é permeado pelas disputas no interior da sociedade e, na sociabilidade contemporânea, acima de tudo pela luta de classes. A ideologia -- na acepção lukácsiana de conjunto de concepções que permitem aos diferentes grupos e classes sociais se organizarem para

⁸ - "/.../ a crítica ontológica ininterrupta e sempre renovada dos fatos, de suas conexões, assim como de sua legalidade e ao mesmo tempo da aplicação concreta dessa, constitui pelo menos um princípio determinante metodológico fundamental /.../" de Marx. (vol. I, pg. 350)

a disputa da direção da sociedade -- joga aqui um papel preponderante, assim como a moral e a ética.

A discussão desta relação entre ontologia, ciência, ética e moral, todavia, nos conduziria para além dos limites propostos para este artigo. Por isso, nos limitaremos a estas indicações as mais gerais apenas para salientar o quanto, para Lukács, as considerações metodológicas são fundadas na ontologia. E o são de tal modo que, o complexo problemático da metodologia, longe de compor um campo isolado, apenas têm existência concreta em intrínseca determinação reflexiva tanto com a ontologia, como com a ideologia e, por meio dela, com a política, a filosofia, a moral, a ética, etc. Que isto representa a mais radical ruptura concebível com o positivismo e o marxismo vulgar, bem como com pensadores contemporâneos como Althusser e Habermas, é algo que não requer maior demonstração -- ainda que a exploração dos meandros desta ruptura, caso a caso, seja um objeto de investigação da maior relevância e em larga medida inexplorado.